

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT04.009

# O FILOSOFAR NA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA: CONTRIBUIÇÕES DOS MODERNOS

*ALDENEI MOURA BARROS*

Doutor em Filosofia pela Universidad Martin Lutero. Mestre em Educação Especial pela Universidade do Minho– e-mail: [aldeney@gmail.com](mailto:aldeney@gmail.com)

## RESUMO

O presente trabalho aborda as contribuições dos filósofos modernos sobre o filosofar na perspectiva epistemológica, que se consolidou no período da Modernidade, constituindo-se desta forma numa possível proposta de trabalho de unidade curricular eletiva na área de Filosofia, dentro da nova configuração do novo Ensino Médio, de forma a promover uma visão panorâmica das grandes sistematizações epistemológicas como Racionalismo, Empirismo e Criticismo bem como suas implicações, influências e desdobramentos em torno do ato de conhecer.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia. Racionalismo. Empirismo. Criticismo. Iluminismo.

## INTRODUÇÃO

---

A atual metamorfose pela qual passa o Ensino de Filosofia por ocasião do advento do Novo Ensino Médio reflete aquilo que Barros (2022) pontuou como “o aspecto tortuoso que marcou o percurso do ensino de filosofia nos últimos 60 anos em nosso país”. Não obstante o ensino de Filosofia resistiu e conseguiu impor-se ante às demandas exigidas pelos rumos que conduziram as últimas reformas educacionais, principalmente em face da Lei nº 11.684 que tornou o ensino de Filosofia obrigatório nas Escolas de Ensino Médio.

A partir do pressuposto por Cerletti (2009) “que não há maneira privilegiada ou um método eficaz de ensinar, porque essa maneira dependerá do professor-filósofo ou da professora-filósofa que se seja e das condições em que se tente esse ensino” (Cerletti, pág. 77), o professor-filósofo tem diante de si esta problemática que se constitui em mais um desafio acrescentado à sua crescente lista de afazeres pedagógicos, pois como pontua Cerletti em sua definição do que é aprender Filosofia, é “desenvolver uma atitude diante da realidade” (Cerletti, pág.12).

Em se tratando das configurações assumidas pelo componente curricular de Filosofia dentro do Novo Ensino Médio, o professor-filósofo ainda tem muito o que percorrer, lembrando a pontuação de Barros (Barros, 2022) a respeito dos percursos tortuosos que o Ensino de Filosofia atravessou nos últimos anos. O presente trabalho apresenta-se como uma proposta de desenvolvimento de unidade curricular de aproveitamento ou eletiva para o ensino de Filosofia no Novo Ensino Médio constituindo-se numa ferramenta que permita ao professor-filósofo contribuir para desenvolver a construção de visão panorâmica das grandes sistematizações epistemológicas como Racionalismo, Empirismo e Criticismo bem como suas implicações, influências e desdobramentos em torno do ato de conhecer.

## CARTESIANISMO

---

### VIDA E OBRA DE RENÉ DESCARTES

René Descartes, nasceu a 31 de março de 1596, na localidade de La Haye-Touraine, terceiro filho do casal Jeanne e Joachin Descartes. Além de filósofo, foi também cientista e matemático. É também muito conhecido pelo nome em latim, Renatus Cartesius. É considerado pela maioria dos estudantes do primeiro ano das

faculdades de filosofia como o pai da filosofia moderna, por ter rompido com a predominância da escolástica e fundado seu próprio sistema de pensamento.

A frase “cogito ergo sum” (penso, logo existo) é a base de sua filosofia. O cogito – pensar, duvidar- nasceu na certeza de Descartes de que a dúvida é natural, própria dos seres racionais. Através dela, é possível estabelecer uma dúvida metódica e revisar todos os conhecimentos adquiridos ou por adquirir. O método da dúvida cartesiana apoia-se em quatro princípios: 1) não aceitar como verdade nada que não seja claro e distinto; 2) decompor os problemas em suas partes mínimas; 3) deixar o pensamento ir do simples ao complexo; 4) revisar o processo para ter certeza de que não ocorreu nenhum erro. Com estas premissas, Descartes criou a ciência empírica e influenciou todas as áreas do conhecimento humano. A possibilidade do conhecimento humano é uma prova da existência de Deus, considerado como uma ideia inata. Entre suas obras destacam-se Ensaio filosóficos (1637), Meditações metafísicas (1641), Princípios da filosofia (1647) e As paixões da alma (1649). A 11 de fevereiro de 1650, Descartes morre de tuberculose em Estocolmo, aos 54 anos de idade.

## **PRINCIPAIS ASPECTOS DA FILOSOFIA DE DESCARTES**

Insatisfeito com a velha maneira de “fazer ciência”, sobretudo a que tinha aprendido em La Flèche, Descartes resolve publicar em 1637, como prefácio aos seus três ensaios – Meteoros, Dióptrica e Geometria – O Discurso do Método, sua obra mais importante. A principal novidade do método cartesiano é a introdução na filosofia da dúvida como método de investigação científica. Neste discurso, Descartes rejeita o aristotelismo medieval e propõe que tudo seja submetido à dúvida: sua crença na existência do mundo, dos objetos, de seu próprio corpo, de Deus, pois tudo pode ser pura ilusão - até que reste apenas uma verdade inatacável: o *cogito, ergo sum* (Penso, logo existo).

Descartes deduziu que, se há um processo de dúvida, deve haver alguém que duvida. Ele chegou à conclusão que não podia duvidar de seus próprios pensamentos. Este é o principal fundamento da filosofia cartesiana. Descartes roga para si, o direito de duvidar de tudo. Nesse aspecto, sua filosofia se assemelha ao ceticismo do filósofo grego Pirrón de Elis, que ensinava ser a realidade do mundo material mera ilusão. Um outro fator negativo da filosofia cartesiana é o caráter extremamente subjetivo que a permeia. A ênfase que ele atribui a razão é tamanha que, em

seu sistema filosófico ela ocupa a mesma posição que a divindade. Daí o fato de muitos considerarem o “deus cartesiano”, a razão.

Descartes desenvolveu uma variante do argumento ontológico, pois tenta demonstrar a existência de Deus a partir da ideia do ser necessário. Este argumento não é criação cartesiana nem tomista. O seu criador foi Anselmo de Cantuária, do qual se serviram Tomás de Aquino e Descartes para provar a existência de Deus através de formas racionais, mas tanto o argumento tomista, quanto o cartesiano são apenas desdobramentos do argumento desenvolvido originalmente por Anselmo.

O argumento cartesiano segue mais ou menos o esquema: a) Não podemos encontrar explicações para a origem de nossas próprias ideias. b) Há em nós a ideia inata de um Ser Perfeito. c) O próprio conceito de Deus requer que ele seja perfeito. d) A perfeição de Deus requer que ele verdadeiramente exista. e) Através de outras ideias inatas podemos descrever os atributos de Deus: infinitude, eternidade, onipotência, onisciência, onipresença etc. f) A descoberta de Deus e o próprio eu, nos permite deduzir uma terceira proposição: a descoberta do mundo material. Temos a ideia de que o mundo não é nossa imaginação ou sonho porque a certeza da existência de Deus não nos deixaria ficar enganados.

Alguns filósofos da atualidade encontram problemas ao lidar com o fato de a filosofia cartesiana depender da existência de Deus para fundamentar-se a si própria. Em que pese o fato de Descartes fundamentar seu sistema na ideia de Deus, argumentam que o Deus cartesiano não pode ser o mesmo Deus do cristianismo, proposição esta que parece soar um tanto incoerente. Na atualidade, o kantismo rejeita terminantemente o argumento ontológico, por este ser um apelo à razão e não à fé do indivíduo como entendia Kant. Kant estava convencido de que provar a existência de Deus pela razão é tarefa impossível, deslocando para o campo da fé o problema da existência de Deus, uma vez que segundo as Escrituras “é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele exista” (Hb 11.3).

Enquanto sistema rígido e fechado, o cartesianismo não teve muitos seguidores e perdeu sua vigência em poucas décadas. Contudo, a filosofia cartesiana tornou-se ponto de referência para grande número de pensadores, para tentar resolver as contradições que encerrava, como fizeram os racionalistas, ou para rebatê-la frontalmente, caso dos empiristas. Assim, o alemão Leibniz e o holandês Spinoza estabeleceram formas de paralelismo psicofísico para explicar a comunicação entre corpo e alma.

Spinoza, aliás, foi mais longe, afirmando que existia uma só substância, que englobava em si a ordem das coisas e a ordem das ideias, e da qual *a res cogitans* e a *res extensa*<sup>1</sup> não eram senão atributos, com o que se chega ao panteísmo. De um ponto de vista completamente oposto, os empiristas ingleses Thomas Hobbes e John Locke negaram que a ideia de uma substância espiritual fosse demonstrável, afirmaram que não existiam ideias inatas e que a filosofia devia reduzir-se ao terreno do conhecimento pela experiência. A concepção cartesiana de um universo mecanicista, enfim, influenciou decisivamente a gênese da física newtoniana.

## **RACIONALISMO**

---

O Racionalismo desenvolveu-se ao longo de todo o século XVII, sobretudo após a difusão do Cartesianismo, cujas bases foram empregadas por Leibniz e Spinoza, principais seguidores de Descartes, na construção desta escola filosófica, que foi a última grande manifestação da metafísica clássica. Por racionalismo entendemos diferentes posições filosóficas esposadas pelos filósofos pertencentes a esta escola. Basicamente encontramos cinco tipos de racionalismo: a) racionalismo psicológico: sustenta a primazia, ou o primado da razão, da capacidade de pensar, de raciocinar, em relação ao sentimento e à vontade; b) racionalismo epistemológico: sustenta que só a razão é capaz de propiciar o conhecimento adequado do real; c) racionalismo metafísico: consiste em considerar a razão como essência do real, tanto natural quanto histórico; d) racionalismo radical: sustenta que a fé religiosa é destituída de alicerce racional; e) racionalismo teológico: depende exclusivamente da razão e pouco demais da verdade bíblica, enfatizando a razão e chegando a conclusões falsas, como método crítico de estudar a Bíblia e a fé religiosa.

## **O FUNDAMENTO DO RACIONALISMO**

O Racionalismo depende basicamente de duas características da filosofia cartesiana: método de investigação baseado no rigor matemático e a noção de ideias inatas. *O método matemático*: a metodologia de investigação filosófica que

---

1 Descartes emprega a expressão *res extensa* para designar a substância que compõe os corpos físicos; e *res cogitans* para designar a substância pensante que existe dentro de cada um de nós e que ambas são irredutíveis entre si e totalmente separadas. É a isso que se chama o "dualismo" cartesiano

pretendia conferir filosofia o mesmo grau de certeza que a matemática, foi iniciado por Descartes. Convencido de que a realidade inteira respondia a uma ordem racional, Descartes pretendia criar um método que possibilitasse alcançar, em todo o âmbito do conhecimento, a mesma certeza que a aritmética e a geometria proporcionavam em seus campos. A partir dele, os racionalistas adotaram o rigor matemático como método, haja vista, o que fizeram Leibniz e Spinoza. Spinoza foi muito admirado pelo seu sistema ético, que organizou como uma série de deduções formais de Geometria

**As ideias inatas:** esse é um aspecto importante do racionalismo e significa as ideias que são embutidas no indivíduo, que o pensamento disciplinado seria capaz de exteriorizar.

## **OS PENSADORES RACIONALISTAS**

**Baruch Spinoza** (1632-1677): filósofo judeu, de origem portuguesa, instalou-se na comunidade judaica de Amsterdã. Podemos classificar Spinoza como um dos representantes máximos do racionalismo cartesiano. Em sua obra máxima, *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica*, de 1632, afirma que o Universo é idêntico a Deus, elaborando assim, um panteísmo filosófico, razão pela qual foi expulso da comunidade judaica. Spinoza atacou o conceito monoteísta de um Deus pessoal, refutando também a doutrina do livre-arbítrio e da Providência de Deus. Spinoza atribuía o vício à escravidão do homem pelas suas paixões; pelo que a virtude só pode ser alcançada mediante a sabedoria de Deus, que pode ser conhecida através do pensamento.

Para Spinoza, não existem as noções de bem e mal, o certo e o errado. Segundo ele, essas noções ou ideias decorrem da imperfeição dos seres humanos. Limitou-se a afirmar que as coisas que nos beneficiam são boas e aquelas que nos prejudicam são más. Em virtude de suas convicções panteísticas, buscava a harmonia e a tolerância, evitando o contencioso, por entender ser o mesmo prejudicial e por conseguinte mal.

**Gottfried Leibniz** (1646-1716) : filósofo alemão, estudioso de várias ciências, entre as quais história, teoria política, lógica, física e matemática. O projeto filosófico de Leibniz era conciliar em um sistema filosófico ciência, teologia e filosofia. Para concretizar seu projeto, escreveu suas ideias em *Discurso de Metafísica* (1686), *A Monadologia* (1714) e *Novos discursos sobre o entendimento humano* (1715).

Entre as ideias teológicas de Leibniz, a que mais se destaca é a sua doutrina das mônadas, expressa em sua obra *A Monadologia*. O conceito de mônada, derivado do grego “monas” (unidade) tornou-se o conceito mais importante de sua filosofia. À semelhança de Demócrito de Abdera, que juntamente com Leucipo, fundou a teoria atomista, segundo a qual a realidade é formada por minúsculas partículas indivisíveis, indestrutíveis, eternas e imutáveis denominadas átomos, Leibniz propõe que cada mônada é um indivíduo ou átomo simples, concebido como uma unidade elementar, indivisível, irreduzível da realidade. Toda a realidade material se compõe de mônadas, partículas metafísicas invisíveis, de natureza espiritual, regidas por uma harmonia preestabelecida e guiada por inteligência divina. Em seu sistema, Deus aparece como a Grande Mônada, refletida por todas as outras mônadas, conferindo ao universo filosófico um outro conceito de Deus.

**Nicolas Malenbranche** (1638-1715): filósofo francês, que se ordenou sacerdote católico romano. À semelhança de Leibniz e Spinoza, Malenbranche procurou conciliar em seu sistema, filosofia e teologia. Enquanto na filosofia cartesiana, o problema corpo-mente encontra-se conciliado por uma interação entre ambos, Malenbranche procurou seguir uma linha diferente. Para ele, corpo e mente não podem interagir: é Deus quem adapta os estados de um ao outro. Champlin assevera que essa “comunicação é realizada por uma espécie de telefone terreno celestial, mediante o qual o corpo, quando recebe impressões, envia a mensagem a Deus, que por sua vez, transmite a mensagem à mente” (CHAMPLIN & BENTES, 1995). e vice-versa.

## **EMPIRISMO**

---

A partir do século XVII a Europa vê surgir duas grandes tradições na história da filosofia ocidental. O Racionalismo, originado com René Descartes, cujo principal fundamento é o inatismo das ideias; e o Empirismo, cuja principal ênfase é a refutação ao racionalismo pela hipótese do empirismo, que postula ser o conhecimento, o produto daquilo que pode ser sentido, observado, experimentado.

Esse ponto é notado pelos historiadores da filosofia como o indício da divisão de duas tradições distintas na filosofia: a britânica e a da Europa continental. A teoria das ideias inatas foi justamente o alvo principal da crítica que o filósofo empirista inglês Locke endereçou ao idealismo cartesiano. É impossível, segundo ele, provar que tais ideias existem, e devemos aceitar que a mente é como um papel

em branco – ou tabula rasa – no qual as impressões sensíveis se vão depositando, transformando-se depois, por via de determinados processos mentais, em conceitos e ideias gerais, o que explicaria o fato de termos conhecimentos universais e não apenas particulares.

Nesta mesma linha de críticas ao inatismo situa-se Hume. As ideias são como que lembranças de impressões; assim, os materiais fundamentais do pensamento são as impressões sensíveis e a variedade aparentemente infinita das possibilidades do pensamento se deve às diferentes maneiras pelas quais podemos combinar as impressões. Isto significa que há uma relação direta entre impressão e ideia: a tal ponto que Hume crê que alguém que não possua algum sentido será incapaz de formar a ideia correspondente. Segundo o empirismo nenhuma certeza é possível, nenhuma verdade é absoluta, já que não existem ideias inatas e o pensamento só existe como fruto da experiência sensível.

## **OS PENSADORES EMPIRISTAS**

### **FRANCIS BACON**

Apesar de ser contemporâneo de Descartes, Francis Bacon não se tornou conhecido se não, a partir da difusão do empirismo através de Locke, Hume e Berkeley. Francis Bacon nasceu em Londres em 22 de janeiro de 1561. Sua educação orientou-o para a vida política, na qual alcançou posições elevadas.

Eleito em 1584 para a Câmara dos Comuns desempenhou sucessivamente, durante o reinado de Jaime I, as funções de procurador-geral (1607), fiscal-geral (1613), guarda do selo (1617) e grande chanceler (1618). Ainda em 1618 foi nomeado barão de Verulam e, em 1621, visconde de St. Albans. Acusado de corrupção, foi condenado em 1621, ao pagamento de pesada multa e proibido de exercer cargos públicos, e banido da corte. Seu ponto de vista era concreto, prático e utilitarista. Dizia-se defensor da fé cristã; mas às vezes expressava-se com tal ironia que deixava dúvidas quanto à sua real posição. Assim como Descartes acreditava facilitar as investigações científicas por meio do método matemático, sem envolver a fé na questão. Seu lema era: “Saber é poder”, antecipando assim, um domínio tecnológico em grande escala, que resultaria em uma utopia econômica e social.

Enquanto Descartes estava preocupado em estabelecer os alicerces de uma nova filosofia, Bacon lançou os alicerces da moderna ciência. Entretanto, segundo

Bacon, antes que se faça ciência, é necessário que o cientista se livre daquilo que ele denomina de ídolos. De acordo com Bacon, existem quatro tipos de ídolos ou de imagens que formam opiniões cristalizadas e preconceitos, que impedem o conhecimento científico. O primeiro deles denominou de *idola specus* (ídolos da caverna), que são as opiniões que se formam em nós por erros e defeitos de nossos órgãos dos sentidos. São mais fáceis de corrigir por nosso intelecto. Esses erros são tão numerosos quanto as ideias que circulam nas mentes das pessoas. *Idola fori* (ídolos do fórum): são as opiniões que se formam em nós como consequência da linguagem e de nossas relações com os outros. São difíceis de se vencer, mas o intelecto tem poder sobre eles. Também são chamados de ídolos do mercado. *Idola teatri* (ídolos do teatro): são as opiniões formadas em nós em decorrência da influência das “autoridades filosóficas” ou da opinião formada por certos “filósofos” com seus erros e exageros. Segundo Bacon, esses erros só podem ser vencidos se houver uma mudança social ou política. *Idola tribos* (ídolos da tribo): são erros formados em decorrência da natureza humana, porque somos imperfeitos, imaginamos que nossa espécie é a medida de todas as coisas e são impossíveis de serem vencidos pelo intelecto, a menos que haja uma reforma na própria natureza humana.

Francis Bacon rejeitava a simples indução com seus valores estatísticos. O método de Bacon visa a apresentar uma nova maneira de estudar os fenômenos. A descoberta de fatos verdadeiros não depende de esforços puramente mentais, mas sim da observação, da experimentação guiada pelo raciocínio indutivo.

Pela concordância e concomitante variação dos fenômenos observados, pode-se chegar ao conhecimento da verdadeira causa que os determina. O filósofo aconselha para isso que, descritos os fatos, sejam colocados numa tábua os exemplos de ocorrência do fenômeno e, em outra, os de sua ausência. Por esse processo eliminam-se as várias causas que não se relacionam ao efeito ou fenômeno estudado. Numa terceira tábua registra-se a variação de sua intensidade. Seriam assim eliminadas as causas não pertinentes e se chegaria, pelo registro da presença e das variações, à verdadeira causa.

Nova Atlântida chama-se uma obra de ficção científica escrita por Francis Bacon. Nesta obra, Bacon desdobra-se em descrever uma civilização imaginária, onde toda a sociedade seria regida por princípios e ideais científicos, onde muitos sábios trabalhariam pela felicidade da humanidade. Essa sociedade teria um colégio chamado Casa de Salomão, dirigido por um grupo de sábios, científica e experimentalmente orientados e motivados. A Nova Atlântida e o Novum Organum

originalmente fariam parte de um conjunto maior que Francis Bacon denominou de Instauratio Magna, que devolveria ao homem o domínio sobre a natureza.

## **JOHN LOCKE**

John Locke nasceu em Wrington, Somerset, na Grã-Bretanha, em 29 de agosto de 1632, numa família anglicana de tendências puritanas. Em 1652 ingressou no Christchurch College, de Oxford, onde estudou humanidades e interessou-se pelas ciências da natureza e pela medicina. Nomeado professor da instituição em 1660, Locke ali permaneceu por vários anos. Durante algum tempo, estudou a filosofia racionalista de Descartes -- que lhe despertou o interesse pela teoria do conhecimento -- e inteirou-se dos progressos científicos de seu tempo.

Locke se meteu em dificuldades políticas e entre 1675 e 1679, residiu na França e, de volta à Grã-Bretanha, deparou-se com os problemas políticos decorrentes da sucessão de Carlos II. Depois da queda de Lord Shaftesbury, Locke foi em 1683 para os Países Baixos, onde permaneceu por cinco anos. Em 1689, com a ascensão ao trono britânico de Guilherme de Orange, que instaurou uma monarquia parlamentar, Locke regressou a seu país e, a partir de então, usufruiu todo tipo de honraria e consideração, o que lhe permitiu dedicar-se à publicação de suas obras. Locke tinha uma saúde muito frágil e faleceu em Oates, em 1704, com a idade de 72 anos.

A principal obra de John Locke é o Ensaio Sobre o Entendimento Humano, publicado em 1690. Segundo Marilena Chauí Locke

“é o iniciador da teoria do conhecimento propriamente dita porque se propõe a analisar cada uma das formas de conhecimento que possuímos, a origem de nossas idéias e nossos discursos, a finalidade das teorias e as capacidades do sujeito cognoscente relacionadas com os objetos que ele pode conhecer” (Chauí, pág 116).

Segundo John Locke, antes de experimentarmos qualquer coisa, nossa mente é tão vazia quanto uma folha de papel em branco. Os sentidos realizam um papel preponderante, uma vez são eles que “imprimem as experiências” em nossa tabula rasa. As impressões captadas pelos sentidos, dão origem às ideias sensoriais simples. Assim para Locke, a nossa mente trabalha estas ideias recebidas

da experiência sensível, através da reflexão, dando origem às ideias reflexivas. O homem combinaria ideias, produzindo ideias complexas, a partir de ideias mais simples.

Os homens descobrem relações entre ideias simples mediante analogias, através da razão. A própria razão, porém, é algo aprendido, e não uma qualidade inata ao homem. Locke classifica as ideias complexas em três tipos: modos: são ideias cujos objetos não podem existir por si mesmos, mas que devem fazer parte de alguma outra coisa. Ex: beleza (modo misto); dois (ideia simples); substâncias: são ideias que existem por si mesmas. Uma substância é algo acima de suas meras qualidades. Uma substância pode ter qualidades primárias e secundárias. Quando falamos a respeito de uma substância, pensamos na combinação do que essa substância é, juntamente com suas qualidades; relações: são ideias que resultam de comparações. As ideias simples são comparadas entre si, por meio de analogias. Nosso mundo conceptual é resultado de inferências e construções.

## **DAVID HUME**

David Hume nasceu em 7 de maio de 1711 nas proximidades de Edimburgo, Escócia. Filho de um modesto proprietário de terras, estudou na universidade local. Depois de trabalhar como comerciante, foi estudar na França, onde permaneceu de 1734 a 1737. De volta a seu país, publicou uma ambiciosa obra, *A Treatise of Human Nature* (1739-1740; Tratado sobre a natureza humana), e tentou, sem êxito, obter a cátedra de ética em Edimburgo. Exerceu diversos cargos diplomáticos e fez viagens à França, aos Países Baixos, à Alemanha e à Itália, países em que entrou em contato com os principais intelectuais europeus.

Durante esses anos escreveu duas outras obras capitais, *Philosophical Essays Concerning Human Understanding* (1748) -- mais conhecida como *An Enquiry Concerning Human Understanding* (Pesquisa sobre o entendimento humano), nome que Hume lhe deu numa revisão de 1758 -- e *An Enquiry Concerning the Principles of Morals* (1751; Pesquisa sobre os princípios da moral). Em 1751 Hume voltou a Edimburgo e conseguiu o cargo de bibliotecário do colégio de advogados. Dedicou-se então a redigir os seis volumes de *The History of England* (1754-1762; História da Inglaterra), que lhe granjearam grande prestígio. Em 1763 seguiu para Paris como secretário da embaixada britânica e ali fez amizade, mais tarde abruptamente interrompida, com o filósofo Jean-Jacques Rousseau.

BROWN (1989) sumariza Hume ao dizer “Basta dizer por enquanto Hume é importante, não por causa de quaisquer conclusões a que tenha chegado, mas, sim, por causa da sua relevância histórica como patriarca do ceticismo moderno”. Se considerarmos esta proposição apenas do ponto de vista de uma afirmação descaracterizada de seu contexto histórico, facilmente poderíamos dizer que esta declaração de Brown equivale a pisar em terreno falso. Todavia, esta é a principal característica da filosofia de David Hume.

David Hume viveu na época do pleno apogeu da metafísica, época esta, em que o racionalismo tentava transformar a metafísica em uma disciplina científica. Mas, em plena era do Iluminismo, em que o método experimentalista de Bacon começava a ser utilizado como paradigma científico, Hume demonstrou que tal pretensão era uma impossibilidade, pelo menos, do ponto de vista da filosofia empirista.

Quanto à teoria do conhecimento, seguia Locke ao afirmar, que todo conhecimento provém das percepções da experiência, percepções que podem ser “impressões”, dados diretos dos sentidos ou da consciência interna, ou “ideias”, que resultam da combinação de impressões. Existem ideias simples e complexas, estas últimas produto da generalização, mas todas podem reduzir-se a uma associação de impressões.

## **CRITICISMO**

---

### **VIDA E OBRA DE KANT**

Immanuel Kant (1724-1804), nasceu em Konigsberg, atual Kaliningrado, cidade e porto da Rússia, no enclave entre Polônia e Lituânia, às margens do mar Báltico, antiga capital da Prússia Oriental, fundada pela Ordem dos Cavaleiros Teutônicos. A importância de Kant na filosofia é comparada à revolução copernicana, nas palavras do próprio Kant, ocorrida nas ciências, devido à solução dada por ele à questão do conhecimento.

A filosofia de Kant representa um marco na história da filosofia: o surgimento do idealismo alemão. Seus discípulos Fichte, Schelling e o próprio Hegel iniciam sua filosofia sob a ótica kantiana. Mais tarde, segundo alguns estudiosos, o próprio niilismo também seria uma vertente da filosofia kantiana.

A filosofia de Immanuel Kant situa-se entre os dois extremos a que chegaram os empiristas - afirmando que todo conhecimento provém da experiência sensível

- e os racionalistas, afirmando que o conhecimento provém das ideias inatas da razão. De um modo bastante suscinto, porém bastante esclarecedor, o sentido que tomou a filosofia kantiana, foi delimitado por uma carta escrita pelo próprio Kant e que, portanto, servirá de sinopse para um estudo sistemático da filosofia kantiana. Eis o teor da carta:

Meu plano há muito concebido, para a reavaliação que me proponho a fazer do campo da filosofia pura, tem como ponto central o tratar de três tarefas: (1) O que posso saber? (Metafísica) (2) O que devo fazer? (Ética) (3) O que posso esperar? (Religião); após as quais, deve seguir: O que é o homem? (antropologia ...).<sup>73</sup>

A filosofia de Kant parte de duas distinções: a razão pura teórica: tem como matéria ou conteúdo a realidade exterior a nós. Foi o objeto de estudo de Kant na Crítica da Razão Pura; a razão prática: a liberdade como instauração de normas e fins éticos. Foi objeto de estudo na Crítica do Juízo e na Crítica da Razão Prática. Tanto a razão pura teórica quanto a prática, no entender kantiano, são universais, isto é, comuns a todos os seres humanos.

A filosofia de Kant compreende uma variedade de temáticas distribuídas principalmente em sua trilogia, a Crítica da Razão Pura, de 1781, a Crítica da Razão Prática, 1788 e a Crítica do Juízo de 1790.

Na Crítica da Razão Pura Kant aborda as alegações das pretensões de alguns filósofos de transformar a metafísica numa ciência, além de prover soluções ao impasse desencadeado pelo debate entre racionalistas e empiristas a respeito da natureza do conhecimento. A perspectiva aborda aquilo que pode ser obtido estritamente a partir da razão em si, negando a existência de ideias inatas, com uma posição pró empirismo, conforme suas próprias palavras "todo conhecimento se inicia com a experiência" (Kant, 1997, p.36). Não se conformando com as alegações propostas pelo empirismo, Kant propõe as formas da sensibilidade, sendo elas tempo e espaço, que formatam os dados proporcionados pela experiência sensível. Dessa forma, não existe um conhecimento objetivo da realidade como proposto pela metafísica tradicional, ou seja, a coisa em si, mas apenas como nossa mente a percebe.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

Compreendo a importância de um olhar crítico sobre o ensino de Filosofia no contexto do Novo Ensino Médio instituído pela Base Nacional Comum Curricular

(BNCC) e a necessidade de avaliar suas problemáticas, metodologias e possíveis encaminhamentos futuros. O Novo Ensino Médio, proposto pela BNCC, busca promover uma formação mais flexível e integral, permitindo que os alunos possam escolher itinerários formativos que melhor se adequem aos seus interesses e projetos de vida. Nesse sentido, o ensino de Filosofia também passa por mudanças, uma vez que deve ser pensado de forma a contribuir para o desenvolvimento dos estudantes em diversas dimensões.

No entanto, é importante destacar que, ao implementar mudanças significativas no ensino de Filosofia, surgem desafios e questionamentos. Alguns dos pontos possíveis a serem considerados são: 1. Formação dos professores: É fundamental garantir que os professores de Filosofia estejam qualificados para lidar com as novas abordagens metodológicas e conteúdos que a reforma do Ensino Médio exige. Isso inclui uma atualização constante de seus conhecimentos e reflexão sobre suas práticas pedagógicas. 2. Diversidade de perspectivas: O ensino de Filosofia deve proporcionar aos estudantes o acesso a uma variedade de correntes filosóficas e pensadoras, de modo a promover o pensamento crítico e a apresentar as perspectivas culturais e filosóficas. 3. Interdisciplinaridade: A Filosofia tem uma natureza interdisciplinar, e é importante explorar conexões entre ela e outras disciplinas, como História, Sociologia, Literatura, entre outras, para enriquecer o aprendizado e mostrar sua conversão em diferentes contextos. 4. Participação dos estudantes: Incentivar a participação ativa dos estudantes nas aulas de Filosofia, por meio de debates, discussões e atividades práticas, é uma forma de tornar o ensino mais dinâmico e envolvente. 5. Avaliação: Repensar os métodos de avaliação para que estejam alinhados aos objetivos do ensino de Filosofia no Novo Ensino Médio, valorizando o pensamento crítico, a argumentação e a capacidade de reflexão dos estudantes.

É importante que, ao longo dos anos iniciais de implantação do Novo Ensino Médio, haja espaço para a reflexão e adaptação constante, permitindo que novas abordagens metodológicas surjam e que as dificuldades possam ser superadas. O diálogo entre os professores, a comunidade acadêmica e os órgãos responsáveis pela educação é essencial para a construção de um ensino de Filosofia mais efetivo e enriquecedor para os alunos. Assim, o desenvolvimento do ensino de Filosofia no Ensino Médio, juntamente com a educação como um todo, estará mais apto a alcançar seus objetivos de formar cidadãos críticos, reflexivos e engajados com a sociedade em que vivem.

## REFERÊNCIAS

---

BARROS, A. M. **PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO**. In: Congresso Internacional Movimentos Docentes, 2022, São Paulo.

ANAIS DO CONGRESSO INTERNACIONAL MOVIMENTOS DOCENTES E COLÓQUIO FORPIBID RP. DIADEMA: V&V EDITORA, 2022. v. 1. p. 336-343.

CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAMPLIN, Russel N; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, 3ª ed. 1995.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 8ª ed., 1997.

BROWN, Collin. **Filosofia e Fé Cristã**. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1989.

KANT, Immanuel. **Gesammelte Schriften** (Obras Completas), XI, pág. 429, n. 574

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. 4. ed. Lisboa: Colouste Gulbenkian, 1997.